

MICHEL HOUELLEBECQ

FR**ONTEIRAS**
DO PENSAMENTO

LIBRETO

A GRANDE VIRADA

TEMPORADA 2016



MICHEL HOUELLEBECQ

(França, 1958)

Escritor francês. Um dos mais traduzidos e controversos ficcionistas contemporâneos, autor de *Submissão* e *Partículas elementares*.

“Eu não sou um intelectual. Eu não tomo partido, não defendo nenhum regime. Renuncio a qualquer responsabilidade, reclamo a irresponsabilidade total, exceto quando opino sobre literatura em meus romances, aí, então, me comprometo como crítico literário. Mas são os ensaios que mudam o mundo.”

Expediente

Fronteiras do Pensamento®
Temporada 2016

Curadoria

Fernando Schüler

Concepção e Coordenação Editorial

Luciana Thomé
Michele Mastalir

Pesquisa

Francisco Azeredo
Juliana Szabluk

Editoração e Design

Lampejo Studio

Revisão Ortográfica

Renato Deitos

www.frenteiras.com

Nascido na ilha Reunião, um departamento ultramarino francês no oceano Índico, Michel Houellebecq é o escritor francês vivo mais lido no mundo, com livros traduzidos em vários idiomas, e produz uma ficção controversa e provocadora. Seus romances lhe valeram reputação internacional, e são considerados um sinal de renovação da literatura francesa.

Em 1975, começou a estudar no Instituto Nacional de Agronomia Paris-Grignon, onde fundou a efêmera revista literária Karamazov, para a qual escreveu alguns poemas. Em 1980, graduado em Agronomia, casou-se e teve um filho, divorciando-se em 1985. Em depressão e internado em uma clínica, volta a escrever poesia com a colaboração de seu amigo e editor Jean Paul Gut.

Em 1991, influenciado por Gut, publicou um ensaio sobre o escritor norte-americano H. P. Lovecraft. Mas sua estreia na literatura ocorreu apenas em 1994, com a publicação de *Extensão do domínio da luta*. É referido pelo *Le Monde* como o escritor que reflete sobre “a enorme mutação em curso que todos nós vivemos e não sabemos como analisar”.

Em 1998, ganhou fama mundial ao lançar *Partículas elementares*. Chamado de pornográfico por muitos críticos, a obra, que fala da questão da humanidade em uma narrativa singular e genial, se transformou num clássico do niilismo. O romance recebeu o Prêmio Décembre de melhor livro do ano. Publicou *Plataforma* em 2001 e, quatro anos depois, *A possibilidade de uma ilha*, que ganhou o Prêmio Interallié. Com *O mapa e o território* recebeu o Prêmio Goncourt em 2010, e o autor acabou envolvido em uma polêmica após utilizar descrições publicadas originalmente em *sites*, panfletos e reportagens, gerando uma discussão sobre os limites entre citação e plágio.

Em 7 de janeiro de 2015, quando ocorreu o atentado em Paris contra os jornalistas da publicação *Charlie Hebdo*, o escritor era a capa da edição do dia. Assustado e apreensivo, Houellebecq interrompeu na época a divulgação do seu mais recente romance, *Submissão*, e se confinou no interior da França. O título se refere a uma das acepções da palavra “islã”: submissão ou obediência a Alá. Inicialmente apontado como islamofóbico e inveros-

símil, é o mais incendiário dos seus trabalhos, mesmo não sendo considerado o melhor, pois toca na sensível questão da integração dos jovens muçulmanos à sociedade francesa. O livro narra a ascensão política de um partido muçulmano ao poder na França e as consequências dessa vitória.

Michel Houellebecq utiliza as longas digressões características da ficção francesa para discorrer sobre religião, história, literatura e costumes. Para ele, a liberdade de expressão não tem a vocação de manter a coesão social ou a unidade nacional. Em 2007, fez a conferência de encerramento da primeira temporada do *Fronteiras do Pensamento*, intitulada *A literatura e a invenção do mundo*.

IDEIAS

“A violência atingiu limites inimagináveis. Deu-se uma ruptura entre mim e a esquerda, mas também há ruptura na França. A sensação é de que o conflito é irreversível e a guerra civil inevitável. Isso tem mais a ver com meu livro do que com os atentados. Esse período dramático ainda não acabou. Eu esperava que meu livro incendiasse a França, mas, evidentemente, não da maneira que aconteceu. O mais difícil de aceitar é que, no fundo, os fatos são inexplicáveis. Há dez anos, o número de muçulmanos era o mesmo, mas se falava pouco disso. Agora, é o único assunto em pauta.”

“(o livro Submissão) Não foi escrito exatamente para descrever o que vai acontecer, na verdade. Tem mais a ver com o que as pessoas temem que aconteça. Se você pensar nisso, pegar os livros premonitórios mais conhecidos, Admirável mundo novo, 1984, são livros muito conhecidos, o autor não tenta exatamente prever o que vai acontecer, mas sim descrever o medo das pessoas de sua época sobre o que pode acontecer. Aqui é parecido.”

“Passei mais tempo da minha vida com Balzac do que com pessoas das minhas relações. Quem lê e gosta, entra no mundo do autor. Quem gosta de ler, passa boa parte da vida fazendo isso.”

“Hoje, quando saio na rua, estou sempre sob proteção policial. Não ando sozinho. Tem sempre um policial comigo. Depois dos atentados, passei uns dias na casa do cantor Jean-Louis Hubert. Era uma questão de bom senso. Eu me sentia sufocado em Paris. Perdi meu amigo Bernard Maris no atentado contra Charlie Hebdo. Fiquei muito triste e chocado com os acontecimentos. O atentado contra Charlie coincidiu com o dia do lançamento de Submissão. Mesmo não sendo místico, ser vítima desse tipo de coincidência deixa a gente com uma sensação estranha, como se o destino estivesse agindo. Nunca me senti culpado. Não tenho essa importância. Eu me senti esquisito. Coisas irracionais me passavam na cabeça.”

“Partículas elementares e A possibilidade de uma ilha são meus livros mais bem acabados. Submissão não tem a mesma clareza. É bem feito, mas menos ambicioso. A ambição é importante num livro.”

“Então, todo mundo entendeu bem o que estava acontecendo. Eles foram mortos pelos desenhos que fizeram e para proibir outros do tipo. As pessoas participaram porque há uma ligação com a liberdade neste país. O que chamamos de liberdade de expressão. Acho que a liberdade de expressão nunca foi atacada de forma tão selvagem na história da França.”

ESTANTE



SUBMISSÃO

1ª edição – 2015 /
Edição no Brasil –
Alfaguara, 2015

França, 2022. Depois de um segundo turno acirrado, as eleições presidenciais são vencidas por Mohammed Ben Abbas, o candidato da chamada Fraternidade Muçulmana. Carismático e conciliador, Ben Abbas agrupa uma frente democrática ampla. Mas as mudanças sociais, no início imperceptíveis, aos poucos se tornam dramáticas.



***A POSSIBILIDADE DE
UMA ILHA***

1ª edição - 2005 /
Edição no Brasil -
Record, 2006 (esgotada)

Com monólogos cáusticos nos quais se mesclam provocações e uma visão fria e cruel da existência, o livro traz a história de Daniel, protagonista que narra os últimos anos de sua vida. Popular humorista francês, acumulou dezenas de milhões de euros com esquetes contra a sociedade de consumo e o fundamentalismo religioso.



***EXTENSÃO DO
DOMÍNIO DA LUTA***

1ª edição - 1994 /
Edição no Brasil -
Sulina, 2011

Nesta obra, o autor descreve a queda de um homem. Esse homem encarna o indivíduo contemporâneo, com a especificidade de um caso concreto. O autor busca falar do mundo e do homem num mesmo discurso.

MICHEL HOUELLEBECQ

PARTÍCULAS ELEMENTARES



PARTÍCULAS ELEMENTARES

1ª edição – 1998 /
Edição no Brasil –
Sulina, 1999

Michel, pesquisador em biologia, rigorosamente determinista, incapaz de amar, administra o declínio da sua sexualidade dedicando-se ao trabalho, às compras no supermercado do bairro e aos tranquilizantes. Um ano sabático dá às suas pesquisas um rumo que sacudirá a face da Terra. Bruno, por seu lado, obstina-se na busca desesperada do prazer sexual. Uma temporada no Espaço da Mudança, camping pós-68, tendência New Age, pode mudar a vida deles.

SITE

<http://www.michelhouellebecq.com/>

WIKIPEDIA

https://pt.wikipedia.org/wiki/Michel_Houellebecq

ENTREVISTAS

Entrevista com Michel Houellebecq, o implacável
Entrevista para o jornal *Correio do Povo*, publicada em julho de 2015

<http://is.gd/Houellebecq1>

<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/?p=7344>

“Ocidente vive um vazio, mas não sabe o que está faltando”

Transcrição da entrevista para o programa *Milênio* da GloboNews, publicada no *site* ConJur em junho de 2015

<http://is.gd/Houellebecq2>

<http://www.conjur.com.br/2015-jun-05/michel-houellebecq-ocidente-vive-vazio-nao-sabe-falta>

Michel Houellebecq fala sobre *Soumission*, seu livro divulgado pela *Charlie Hedbo*

Tradução de entrevista para o jornal espanhol *El País*, publicada no *site* do *Fronteiras do Pensamento* em janeiro de 2015

<http://is.gd/Houellebecq3>

<http://www.fronteiras.com/entrevistas/michel-houellebecq-fala-sobre-soumission-seu-livro-divulgado-pela-charlie-hedbo>

“Eu não sou mais ateu”

Tradução de entrevista para a revista francesa *La Vie*, publicada no site do Instituto Humanitas, em janeiro de 2015

<http://is.gd/Houellebecq4>

<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/539415-qeu-nao-sou-mais-ateuq-entrevista-com-michel-houellebecq>

VÍDEOS E LINKS

Michel Houellebecq ameaça processar jornal por perfil “não autorizado”

Matéria publicada no jornal *Folha de S.Paulo*, em agosto de 2015

<http://is.gd/Houellebecq5>

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/08/1670124-escritor-michel-houellebecq-ameaca-processar-jornal-frances.shtml>

Milênio

Vídeo do programa *Milênio* da GloboNews, exibido em março de 2015 (legendado)

<http://is.gd/Houellebecq6>

<https://www.youtube.com/watch?v=xjwluuBh2k>

Entenda por que livro de Michel Houellebecq gera tensão geopolítica na França

Matéria do *Correio Braziliense*, reproduzido no site do Diário de Pernambuco em janeiro de 2015 (legendado)

<http://is.gd/Houellebecq7>

http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2015/01/21/internas_viver,556019/entenda-por-que-livro-de-michel-houellebecq-gera-tensao-geopolitica-na-franca.shtml

Michel Houellebecq, capa do *Charlie Hebdo*, se emociona em entrevista

Matéria publicado no site G1, em janeiro de 2015

<http://is.gd/Houellebecq8>

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/michel-houellebecq-capa-do-charlie-hebdo-se-emociona-em-entrevista.html>

“Nada será como antes na França”

Matéria publicada no site da revista *Veja*, em janeiro de 2015

<http://is.gd/Houellebecq9>

<http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/michel-houellebecq-nada-sera-como-antes-na-franca>

O rapto de Michel Houellebecq

Trailer de *O rapto de Michel Houellebecq*, filme de Guillaume Nicloux lançado em 2013 (legendado)

<http://is.gd/Houellebecq10>

<https://www.youtube.com/watch?v=0SHxTxE8r5s>

Livro aberto

Vídeo da entrevista para o programa *Livro Aberto*, de Juremir Machado da Silva, gravado em 2008 (legendado)

<http://is.gd/Houellebecq11>

https://www.youtube.com/watch?v=0V7_oTthdJA

O ESCRITOR INSUBMISSO

POR JUREMIR MACHADO DA SILVA

Jornalista, colunista diário do *Correio do Povo*, professor da PUCRS, doutor em sociologia pela Sorbonne, Paris V, romancista, historiador, autor de mais de 30 livros e tradutor, entre outras obras, de *Partículas elementares* (Sulina, 1999) e *Extensão do domínio da luta* (Sulina, 2002). É autor de *Um escritor no fim do mundo – viagem com Michel Houellebecq à Patagônia* (Record, 2011), publicado na França como *En Patagonie avec Michel Houellebecq* (CNRS, 2011).

Quando Michel Houellebecq explodiu definitivamente no universo literário, em 1998, com o romance *Partículas elementares*, o prestigioso jornal *Le Monde* disparou: “Uma nova tendência em literatura”. *Magazine littéraire*, a principal publicação francesa de literatura, buscou uma comparação com Jean-Paul Sartre: “Cinquenta anos depois, Michel Houellebecq ousa reescrever os *Caminhos da liberdade* (...) Os personagens de Houellebecq patinam em nosso fim de milênio, encurralados no inventário dos erros e das decepções”. Criado pela avó materna em Argel, onde ficou até 1961, ano de eclosão da Guerra de Independência, Houellebecq estudou agronomia e cinema na França. A fotografia e os filmes es-

tão entre as suas paixões. Já atuou como autor e diretor. As suas exposições, em Paris, de belas e estranhas fotografias, atraem público e críticas entusiasmadas.

Raramente um escritor tem seus livros analisados em editorial de grandes jornais. *Le Monde* dedicou um a Houellebecq quando o escritor começou a sacudir a literatura francesa, que flutuava no marasmo. Numa entrevista que fiz com Michel Houellebecq, pouco antes da publicação do seu livro mais bombástico, *Submissão* (2015), ele definiu a sua concepção de literatura, essa concepção que fascina e incomoda: “A literatura serve para cada leitor ver o mundo expresso em palavras sem que cada um esteja diretamente implicado. É como ver o mundo de fora estando dentro dele. Pode-se mergulhar num turbilhão sem arriscar a própria vida. Dá uma sensação de vertigem e de conforto ao mesmo tempo. Quem lê? Boa pergunta. Principalmente as mulheres. Mas, de maneira geral, muita gente. Há pessoas que adoram narrativas e intrigas. Não podemos viver sem fabulação e sem nos projetar na ficção, que talvez seja a nossa mais profunda realidade”.

Traduzido em mais de 40 países, Houellebecq começou como poeta – ele se acha o melhor da atualidade, mas considera que a poesia não dá mais visibilidade –, ganhou prestígio, inicialmente entre os críticos, com o pequeno romance *Extensão do domínio da luta* (1994), estourou para o público com *Partículas elementares* (1998) e deu um novo e impressionante salto com *Plataforma* (2001), romance que, de certa forma, antecipou os aten-

tados do 11 de Setembro por terminar com um devastador ataque terrorista praticado por fundamentalistas islâmicos. Em 2005, provocou novo tremor de terra no universo literário com *A possibilidade de uma ilha*, uma história envolvendo turismo sexual e uma seita. Em 2010, com *A carta e o território*, finalmente ganhou o Prix Goncourt, o Nobel da literatura francesa.

Todos os seus livros parecem unificados por uma visão de mundo e por um estilo radical. Perto dele, a maioria dos autores parece se ocupar de literatura infanto-juvenil. De certo modo, ele não “faz literatura”. Limita-se a pôr as tripas do mundo para fora. A crença religiosa em tempos pós-modernos é o tema predileto de Houellebecq, que já foi processado por ter dito que o “islamismo é a mais idiota de todas as religiões”. No extraordinário *A possibilidade de uma ilha*, o romancista, nascido na ilha de Reunião, investe, feito um novo Voltaire, contra novas e velhas formas de superstição. O livro conta a trajetória de uma seita bizarra que promete a imortalidade, por meio da clonagem, aos seus adeptos. Mostra como surge um guru, numa mistura de acaso, *marketing*, crime, mentira, trapaça e exploração da credulidade perpétua dos homens. Trata da solidão de um homem bem-sucedido numa sociedade “pós-tudo” e sem qualquer rumo. Nada resiste ao humor avassalador do ficcionista. Entre ficção científica e crítica da sociedade espetacular, o romance ridiculariza a busca pela juventude eterna, a liberação sexual pós-1968, com sua obsessão pelo prazer e pela liberação de todos os desejos, a mediocrida-

de cultural dominante e o culto à tecnologia como novo mito salvacionista.

Noutra entrevista que fiz com ele, Michel Houellebecq sintetizou as inquietações que o levam a dissecar o mundo em romances: “Há alguma coisa inquietante em formação. Algo que tenta se constituir e institucionalizar. Uma mistura de repressão higienizadora, de mediocridade, de bons sentimentos de encomenda, puro clichê, e de irreverência superficial. Tudo isso tendo como fundo uma competição individual cada vez mais exacerbada. Aqueles que se tornam inúteis para os fins propostos e previamente estabelecidos devem ser eliminados. Nisso consiste a chave do sistema em construção. Todo o problema está aí. Basta que eu simplesmente descreva nos meus livros esse estado das coisas para ser detestado e atacado. Na verdade, sejamos claros e realistas, não há mais lugar para a literatura neste mundo em que vivemos. Mas não se pode dizer isso. Pega mal”. O tempo e o sucesso adoçaram essa visão do escritor.

Mas não a sua convicção de que a literatura precisa tirar os leitores das zonas de conforto: “Trata-se de um mundo que se pretende o melhor de todos já existentes, o que o obriga a incorporar, nem que seja por vaidade, tudo aquilo que havia de melhor nos mundos e nas épocas anteriores. Em consequência, não se pode, oficialmente, eliminar a literatura, o que seria mais simples e prático. Mas é possível engessá-la, obrigando-a a ser responsável, humanista e cidadã. Com firmeza e calma,

porém, a literatura propriamente dita resiste, não se submete, permanece fiel a si mesma”. Um desafio!

Depois da consagração com o Goncourt, prêmio cobijado desesperadamente por todo escritor francês, imaginava-se que Houellebecq se acalmaria. Nada feito. Ele ressurgiu com *Submissão*, um petardo sobre a islamização da França. O livro deveria ter sido lançado em Paris no dia em que aconteceu o atentado ao jornal *Charlie Hebdo*. Foi necessário suspender a sessão de autógrafos. Houellebecq foi acusado por alguns de ajudar a inflamar os extremistas com seu humor politicamente incorreto. Em *Submissão* (que significa islã), um partido muçulmano chega ao poder na França, em 2022. A Sorbonne, financiada por árabes, como se fosse um clube de futebol, vira Universidade Islâmica de Paris Sorbonne. O novo reitor tem mais de uma mulher. A mais jovem está no esplendor dos seus 15 anos de idade.

Insubmisso, Michel Houellebecq provocou uma revolução na literatura contemporânea francesa enredada no velho Novo Romance. Há três maneiras claras de um escritor emplacar: inventar uma nova história (um conteúdo novo), produzir uma nova forma de contar uma história ou mudar o ponto de vista narrativo. O escritor genial inventa uma nova forma para contar uma nova história com um ponto de vista novo. Mas pode ser muito bom criar uma nova forma para narrar uma velha história. Houellebecq faz bem um pouco de tudo isso.

Marcel Proust e James Joyce inventaram novas formas para histórias novas. Proust enfatizou o conteúdo. Joyce apostou na linguagem. Michel Houellebecq joga em todas essas frentes ao mesmo tempo. Rompeu com a tradição modernista joyciana seguida por vanguardistas modernos. É impossível alguém não entender os seus livros. A linguagem é clara, direta, simples, sem neologismos nem trocadilhos. Cristalina. Mesmo assim, a forma é essencial nos seus textos. Ela se apresenta como ironia cortante, impiedosa e corrosiva. O homem ri de tudo e de si. Nada escapa do seu humor maldito e maldoso. É derrisão pura e dura. Houellebecq é um sujeito estranho, que fala pouco, mas provoca muito e não poupa mitologias baratas. O ridículo do mundo pós-maio de 1968, com o culto desenfreado ao corpo, é o principal alvo do seu humor implacável. O turismo sexual é outro dos seus assuntos prediletos. Essa postura atrai críticas a aplausos.

Poucas vezes um escritor se torna um “caso”. Salvo de polícia. Ou psiquiátrico. Michel Houellebecq transformou-se num caso literário mundial: vende muito, gera discussão, produz amores e ódios e até processos. No século XIX, Flaubert e Baudelaire foram processados no mesmo ano pelos escândalos literários que provocaram. Michel Houellebecq foi convocado aos tribunais por fazer uma crítica da religião. Todos os seus livros estão impregnados por essa revolta face ao “sagrado” e seus mitos. Mas nada é gratuito. Ele conta histórias novas, com formas novas e olhares novos. A sua prosa

é altamente enganadora. Parece simples. Não é. Revela alto senso de observação do vivido e muita imaginação. Transita entre o ensaio sociológico e a ficção científica. Confunde gêneros e gera confusões.

Em *Extensão do domínio da luta*, seu primeiro romance e síntese dos demais, fixa-se a tese do autor/pensador: a sexualidade é um sistema de hierarquia social. Houellebecq descreve a queda de um homem, sem pieguice, sem melodrama e sem morbidez. Esse homem encarna, em ampla medida, o indivíduo atual, mas a especificidade, bem narrada, faz dele, ainda assim, um caso concreto. Em toda a sua obra aparecem homens fustigados pela publicidade, instigados a realizar todos os seus desejos e, em consequência, fadados à decepção, ao tédio e à depressão. Ele desmonta imaginários *new age*, as fantasias da era do *rock* e as utopias de maio de 1968. Um furacão que se renova a cada livro produzindo estragos e legiões de fãs.

MICHEL HOUELLEBECQ EM DATAS E OBRAS

- Nascido em 26 de fevereiro de 1958 (ou 1956), na ilha Reunião.
- Em 1985, abandona a família e passar a viver como funcionário público para ter tempo de dedicar-se à ficção e à poesia.
- Em 1991, publica *Rester vivant*.
- Em 1994, lança *Extensão do domínio da luta* e fascina a crítica.
- Em 1996, recebe o I Prêmio Flore.
- Em 1998, publica *Partículas elementares* e *Intervenções*, ambos pela editora Flammarion. Consagrado com o Grande Prêmio Nacional de Letras, recebe também o Prêmio Novembro por *Partículas elementares*.
- Em 2001, publica *Plataforma*.
- Em 2005, *A possibilidade de uma ilha*.
- Em 2010, *O mapa e o território*.
- Em 2015, *Submissão*.

PROFISSÃO DE FÉ NA LITERATURA

“Depois de ter percorrido, com um olhar lento e frio, a escala dos diversos apêndices da função sexual, parece-me ter chegado o momento de expor o teorema central de minha apocrítica. Para isso, utilizarei o fermento desta fórmula, uma síntese, mas suficiente: ‘A sexualidade é um sistema de hierarquia social.’” (*Extensão do domínio da luta*, 1994).

*

“As ‘reflexões teóricas’ parecem-me um material romanesco tão bom quanto outro qualquer e mesmo melhor do que muitos outros. O mesmo vale para discussões, entrevistas, debates. E ainda mais, evidentemente, para a crítica literária, artística ou musical. Tudo, no fundo, deveria poder transformar-se num livro único, que se escreveria até a chegada da morte. Isso me parece uma maneira de viver razoável, feliz e até passível de ser posta em prática.” (Michel Houellebecq, *Intervenções*, 1998).

*

“Rompió o vínculo derradeiro com a humanidade, vivemos. Pela avaliação dos homens, vivemos felizes. É verdade que soubemos vencer os poderes, insuperáveis para eles, do egoísmo, da crueldade e da cólera; vivemos, de toda maneira, uma vida diferente. A ciência e a arte continuam existindo em nossa sociedade, mas a busca do Verdadeiro e do Belo, menos estimulada pelo agulhão da vaidade individual, tornou-se menos urgente. Para os humanos da antiga raça, nosso mundo parece um paraíso. Acontece-nos, às vezes, de modo, claro, ligeiramente humorístico, de qualificarmo-nos como “deuses”, tomando de empréstimo esse nome que tanto os fez sonhar.” (*Partículas elementares*, 1998).

*

“Durante todos os anos de minha triste juventude, Huysmans foi para mim um companheiro, um amigo fiel; nunca tive dúvida, nunca fui tentado a abandonar, nem a me orientar para outro tema; e então, numa tarde de junho de 2007, depois de longamente esperar, depois de tanto tergiversar até um pouco mais que o admissível, defendi perante a banca da universidade Paris-Sorbonne minha tese de doutorado: *Joris-Karl Huysmans, ou a saída do túnel*. Já na manhã seguinte (ou talvez já na própria noite, não posso garantir, pois a noite de minha defesa foi solitária e muito alcoolizada), entendi que uma parte de minha vida acabava de terminar, e era provavelmente a melhor.” (*Submissão*, 2015).

ANOTAÇÕES

www.fronteiras.com